

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v10i2.256>**ESCOLA E FAMÍLIA: uma via de mão dupla, que precisa buscar a mesma direção**Rosane Rossetti<sup>1</sup>,  
Juliana Aparecida Bohn<sup>2</sup>

Temos passado por tempos diferentes, difíceis, com muitas mudanças, adequações, inquietações resultados de uma condição mundial. Alunos retornam para a escola com outro perfil; a escola por sua vez tenta se adequar.

As famílias retornaram da pandemia “doentes”, com crianças e jovens carentes de afeto, de compreensão, de limites e reféns das telas... Muitos pais sem “um norte” para a educação dos filhos, depositando a culpa, a responsabilidade e a certeza da solução para os problemas, na escola. E, como consequência disso, percebem-se alunos indisciplinados.

Sendo assim, estabelecer uma relação de respeito e diálogo entre a escola e a família é essencial. Essa relação deve ir além dos encontros para discussão de questões burocráticas, como reclamações, boletins, reuniões. “Compreendendo que a educação é um processo construído em parceria, cabe à família e à escola buscar uma direção única para “olhar” e ter ações e estratégias que visam a um fim em comum: o ser integral, como cidadão ético, instrumentalizado para ‘ser’” (CASTRO, 2012, p. 64).

As considerações descritas neste texto são fruto de ações que se tornaram necessárias e pertinentes após as inquietações e observações de situações vivenciadas pós período pandêmico. Fez-se necessário promover ações para reverter este quadro que mostra uma realidade doente de alienação, intolerância e falta de rumo, entre as famílias e os alunos.

No início do mês de abril de 2022, iniciaram as ações de investigação e intervenção, baseadas na situação problema que se apresentara no Colégio. Foram sendo realizadas observações de aulas, a fim de analisar e coletar dados que justificassem as situações que vinham sendo trazidas pelos professores, alunos e famílias. Durante essas observações foi possível ver o quanto os alunos foram prejudicados e trouxeram consigo reflexos da pouca interação social e da excessiva exposição às telas, o que se intensificou durante o período pandêmico e vem se estendendo. Considerando que as crianças e adolescentes não possuem o “filtro” necessário para classificar e absorver somente o que é útil, em relação a tudo o que a tecnologia oferece, esses reflexos se apresentam de forma intensificada no ambiente escolar.

Pesquisas mostram que a superexposição das crianças menores, principalmente, aos eletrônicos, pode causar déficit de atenção, atrasos cognitivos, distúrbios de

<sup>1</sup> Graduada em pedagogia pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER (2008), pós graduada em Educação Especial e Inclusiva pelo centro universitário internacional – UNINTER (2012) e em Gestão Escolar, Orientação e Supervisão pela Faculdade São Luís (2017). E-mail: [rosane.rossetti@sinodalconventos.com.br](mailto:rosane.rossetti@sinodalconventos.com.br)

<sup>2</sup> Professora na Rede Pública de Novo Hamburgo. Docente na educação básica e no ensino superior na IENH. Mestre em Letras. E-mail: [julianabohn@gmail.com](mailto:julianabohn@gmail.com)

aprendizado, aumento de impulsividade e diminuição da habilidade de regulação própria das emoções.

Durante as observações das aulas, em algumas turmas específicas, foi possível comprovar as colocações dos professores e dos pais, que têm demonstrado inquietude, insegurança em relação a quais atitudes tomar, frente a certas situações. Nesse contexto, deveres que cabem à família foram transferidos para a escola e esta teve que tomar atitudes. Conforme Tavares (2012, p. 32),

A escola se envolve tanto nesse lado afetivo do aluno que o coloca como o centro de tudo a ponto de interferir no trabalho do professor como verdadeiro educador. O erro cometido pela família está em atribuir suas funções à escola a ponto de se omitir dessa responsabilidade e nem sequer ser um bom exemplo do que foi e está sendo ensinado por ela.

A necessidade de envolver as famílias e a escola, mostrando que cada uma tem papel único na vida de uma criança, ficou evidente durante as observações. Realizaram-se palestras, com objetivo de conscientizar os pais de que é possível e necessário que eles tomem as rédeas da educação dos filhos, sempre.

A criação de espaços de escuta das necessidades, angústias e ideias destes alunos, tentando compreender e ajudando-os a se compreender, também foi uma necessidade. Passou-se a realizar rodas de conversa em sala de aula, a fim de abrir espaço para que os alunos pudessem ter voz ativa.

Este trabalho de investigação e realização de ações concretas possibilitou o engajamento das famílias, alunos e colaboradores da escola para impulsionar novamente o processo de ensino e aprendizagem, olhando para as feridas, aprendendo com elas e reconhecendo que é hora de seguir e que isso é possível ser feito com a parceria de todos.

**Palavras-chave:** Família. Escola. Relações. Ações.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Edileide. **Afetividade e limites: uma parceria entre família e escola.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

TAVARES, Wolmer Ricardo. **Escola não é depósito de criança: a importância da família na educação dos filhos.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

**Recebido em: 21/11/2022**

**Aceito em: 21/11/2022**